

Close

Indicamos este filme para educadores, não para crianças e adolescentes. Embora o filme seja delicado e tenha classificação indicativa para maiores de 12 anos, entendemos que a densidade do tema deve ser apreciada por pessoas adultas.



Leo (Eden Dambrine) e Remi (Gustav De Waele) em cena do filme. Foto: Divulgação

Ficha Técnica

Gênero: Drama

Direção: Lukas Dhont

Roteiro: Lukas Dhont e Angelo Tijssens

País e ano de produção: Bélgica/2022

Elenco: Eden Dambrine (Leo), Gustav De Waele (Remi), Émilie Dequenue (Sophie), Léa Drucker (Nathalie), Igor Van Dessel (Charlie), Kevin Janssens (Peter), Marc Weiss (Yves), Léon Bataille (Baptiste), Serine Ayari (Céline), Robin Keyaert (Thomas)

Classificação indicativa: 12 anos (não concordamos com essa classificação)

Duração: 1h45min

Sinopse

Leo e Remi têm, ambos, 13 anos, e são amigos inseparáveis desde pequenos. A família de Leo possui uma fazenda onde cultivam flores. A mãe de Remi é enfermeira em um hospital na cidade. Os garotos passaram as férias brincando, mas é hora de começar um novo ano letivo e eles passam a frequentar uma nova escola. Felizmente, estão na mesma classe. Porém, a proximidade entre eles provoca insinuações maldosas entre os colegas. Leo, tentando provar que não há verdade nas fofocas, se afasta de Remi. Será que a amizade entre os dois amigos resistirá aos boatos maldosos?

Sobre o diretor

Lukas Dhont é um diretor e roteirista belga nascido em 11 de junho de 1991 em Gante. Um de seus filmes mais importantes é *Girl*, que retrata uma jovem trans que sonha em ser bailarina. Este filme estreou no *Festival de Cannes* em 2018 e recebeu vários prêmios pelos festivais por onde passou. Em 2022, *Close* também estreou em *Cannes* e, segundo Dhont, é um filme baseado em suas vivências escolares que conta a história de amizade entre dois jovens. Ele se inspirou no livro *Deep Secrets: Boys' Friendships and the Crisis of Connection* (2011), da psicóloga Niobe Way, que apresenta seu estudo sobre a intimidade entre adolescentes e traz o termo “amizade íntima”.



Lukas Dhont. Foto: Divulgação

Filmografia

- 2022 - *Close* (longa-metragem)
- 2021 - *Our Nature* (curta-metragem)
- 2018 - *Girls* (longa-metragem)
- 2014 - *L'infiniti* (curta-metragem)
- 2012 - *Boys on film X* (longa-metragem em co-direção com Jacob Brown e William Feroldi)
- 2012 - *Huid von Glas* (curta-metragem)
- 2012 - *Corps Perdu* (curta-metragem)

Principais prêmios recebidos ou indicados

- Um dos vencedores do Grand Prix no Festival de Filmes de Cannes - 2022
- Indicado ao Oscar de Melhor Filme Internacional - 2023
- Indicado ao Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro - 2023
- Indicado ao César Awards como Melhor Filme Estrangeiro - 2023
- Vencedor do Belgian Film Critics Association - 2022
- Indicado ao European Film Awards como Melhor Filme Europeu, Diretor e Roteiro - 2022
- Indicado ao Austin Film Critics Association como Melhor Filme - 2022
- Indicado ao British Independent Film Awards como Melhor Filme Independente - 2022

Para ver mais: https://en.wikipedia.org/wiki/Lukas_Dhont

Close: perto demais?



Leo (Eden Dambrine) e Remi (Gustav De Waele) em cena do filme. Foto: Divulgação

(...) voltei a minha escola primária na cidade onde minha mãe mora. Andei bastante, visitei a escola e não sei o motivo, mas depois de *Girl* queria me lembrar da criança que eu fui (...) Caminhando com minha mãe disse: “Mãe, não sei o que fazer agora.” Ela me falou com confiança: “Bom, tenho certeza de que você sabe o que vai fazer agora.” E aí se deu o início de *Close*; foi o começo do filme que pra mim ficou muito fiel ao que eu queria ser como diretor e pessoa.

Lukas Dhont sobre *Close*

A tradução de “close” para o português é *perto, próximo, junto, íntimo*. O título do filme se refere à proximidade entre Leo (Eden Dambrine) e Remi (Gustav De Waele). São dois jovens que se entendem, brincam, se divertem, compactuam momentos juntos porque são amigos íntimos que mostram sua afetividade. No início do filme, realizam diversas atividades juntos em suas férias: Leo dorme e faz as refeições na casa de Remi, sendo bastante próximo inclusive dos pais de seu amigo. A forma como Leo e Remi se olham, se tocam, um fala com o outro indica afeto, carinho, cuidado, fraternidade. Pelo olhar, eles se comunicam e se conectam profundamente.

O ano letivo começa e, como moram numa cidade pequena e têm a mesma idade, estudam na mesma escola e sala. Mas essa proximidade que poderia ser interpretada como algo banal passa a ser vista de forma cruel, malvada, maliciosa entre os jovens da escola. Eles os miram com um olhar de julgamento, como se os dois estivessem fazendo algo errado:

Garota: Posso fazer uma pergunta? Vocês estão namorando?

Leo: Não. (...)

Garota: Vocês são um casal. Sei lá.

Garota: Vocês ficam sentados e, de fato, os braços próximos...

Leo: Ficamos perto porque somos os melhores amigos. (...)

Leo: É somos mais, mais, mas quase irmãos, não é? (...)

Garota: Talvez vocês não se assumam. (...)

Leo: Não, não somos um casal.

Garota: Tem certeza?

Leo: Certeza absoluta!

Tais falas, seus olhares e julgamentos revelam que Leo e Remi começam a sofrer bullying entre os estudantes da escola, talvez não explícito, mas o suficiente para massacrar os afetados da mesma forma. Leo então, sem dizer nada a Remi, se afasta do amigo abruptamente. A proximidade inicial entre eles, se transforma em um distanciamento frio que para Remi não faz sentido. A partir disso podemos nos perguntar, então: é preciso determinar a distância entre corpos? Especialmente se forem corpos masculinos? Temos que controlar as pessoas? Especialmente se forem jovens? Homens não podem expressar sua afetividade entre si? Por que julgamos as pessoas e suas relações? Em que sentido a liberdade do outro afeta nossas vidas? A partir desses breves questionamentos, defendemos uma educação mais humana e progressista, onde haja escuta, acolhimento e rodas de conversa na contramão da violência, agressividade, armamento, intolerância e bullying que, infelizmente, estão presentes em algumas escolas.

Por isso, abaixo sugerimos algumas ações que podem nos ajudar a pensar sobre a violência no ambiente escolar. Não se trata de um receituário, mas de sugestões que podem ser recriadas pelos educadores uma vez que a violência nas escolas é uma preocupação de todos nós.

- **Comunicação ampla:** todos da escola podem estar disponíveis para a escuta dos estudantes e criar grupos/coletivos de conversa em que possam falar e se expressar da forma desejada, por exemplo, café terapêuticos, saraus literários, envolvendo conversa, comida, música, dança, jogos.
- **Apoio e cuidado emocional:** parceria com as redes de proteção para apoiar e cuidar dos que estão com dificuldades emocionais, sofrem bullying e apresentam questões familiares complexas;
- **Envolvimento das famílias e comunidade:** ter a ajuda efetiva das famílias e da comunidade, especialmente para que estejam dentro das escolas nas diversas ações realizadas, como também possam nos ajudar se necessário;
- **Diversidade da/na escola:** abordar questões sobre a diversidade nas práticas e ações escolares em todos os momentos;
- **Estudos constantes:** sempre estudarmos, lermos e estarmos atentos para conseguirmos lidar com as questões complexas da sociedade/escola e juventude(s);
- **Atividades culturais e lúdicas:** promover atividades de cinema, teatro, música, literatura, artes em que se valorize o debate, a discussão e o posicionamento a partir dos mais diversos temas;
- **Observação atenta:** relatarmos comportamentos ou atividades indesejadas, como bullying, intimidação ou ameaças e fazermos os encaminhamentos necessários;
- **Atenção às redes sociais:** famílias acompanharem as redes sociais por serem fontes de informação;
- **Comissão de Mediação de Conflitos e Coletivos Escolares:** grupos de professores, estudantes, gestores, funcionários e familiares realizarem ações mensais e/ou bimestrais envolvendo questões da Cultura da Paz, preconceito, racismo, intolerância, transfobia e outros.

Juventude

O grande senso comum com o qual se adjectiva adolescência é: “fase de transição”. Todas as fases da vida são de transição, nós não estacionamos em nenhuma delas. Por que, então, só se diz isso sobre a adolescência?

Existem, atualmente, uma série de estudos que podem nos apontar explicações para esse fenômeno, desde a área da antropologia da juventude, como a área da neurociência. Começando por essa última: os neurocientistas acreditam que os dois momentos de maior transformação cerebral do ser humano são os da primeiríssima infância (zero a três anos) e o da adolescência (doze a vinte e cinco anos). Não à toa, são as duas fases nas quais as pessoas precisam dormir mais. No que diz respeito à puberdade, o cérebro começa a construir novos caminhos neurais e, para isso, é comum precisar romper com aqueles já conhecidos. Aquele tédio do adolescente, inclusive com coisas que lhe interessavam até outro dia, tem a ver com esse processo. Além disso, algumas capacidades cerebrais, como a noção fina de causa e consequência, só vão ser plenamente desenvolvidas depois dos 20 anos.

Para não nos retermos a uma noção biologizante do fenômeno, vale observarmos as características sociais da fase: a partir da puberdade o jovem passa a fazer o movimento de sair do ninho, e virar-se em direção ao mundo muitas vezes significa dar as costas, mesmo que momentaneamente, para a casa. Vale ressaltar que as individualidades são determinantes, e por isso muitos estudiosos das juventudes tratam do tema no plural: existem muitas juventudes, que se estruturam de forma absolutamente diversa, atravessadas por questões sociais, políticas, econômicas, geográficas, culturais, familiares, de raça, classe, gênero, etc. Entre o fascínio e o medo do desconhecido, a tendência é que o adolescente queira se aventurar no mundo, começando a construção de um ser social: quem sou eu no mundo, longe dos meus familiares? Esse processo pode causar certo desamparo por parte da família, principalmente aquela com a qual a relação com o jovem sempre foi boa: por que ele não me ouve mais, não quer mais me contar suas coisas, não compartilha mais comigo seus gostos?

É muito possível que os protagonistas do filme estivessem vivendo, cada um à sua maneira, esse processo. Mesmo antes do início das aulas, vemos Remi com dificuldade para dormir, dizendo que sua cabeça não se aquieta. Algo provavelmente já estava em ebulição dentro dele, e só se aprofundou com o afastamento do amigo. Leo possivelmente representava, para ele, um porto seguro nesse novo universo escolar, nesse lançar-se para o mundo. Já Leo, embora mais de peito aberto com as mudanças, sofre mais diretamente a violência das insinuações dos colegas, então faz um movimento de afastamento quase como uma tentativa de sobrevivência social.

A figura da mãe de Remi também nos dá pistas para entender como a família se afeta com essa mudança brusca de postura. Sua relação - e do pai também - com o filho parece sempre ter sido de afeto, escuta e diálogo. E, com o suicídio do filho, ela descobre que estava no escuro em relação aos sentimentos do menino, e passa a segunda metade do filme tentando achar respostas.

Outro senso comum em relação aos adolescentes é que não é fácil lidar com eles. Os estudos de juventudes, entretanto, convidam os adultos a compreenderem que também não é fácil passar por ela. Vale tentar lembrar da sua própria juventude, suas inseguranças e anseios, vale olhar para o jovem com respeito e empatia, vale pedir ajuda. Os conflitos geracionais vão sempre existir, mas os caminhos de escuta e acolhimento podem minimizar os sofrimentos de todos envolvidos no processo.

Linguagem Cinematográfica

A respeito da **linguagem cinematográfica**, trata-se de um filme que se propõe a dizer muito por meio de suas escolhas técnicas. A primeira cena, onde entramos em contato com os dois meninos e sua relação, se conecta com uma cena no meio do filme, onde Remi tenta resgatar a brincadeira e Leo já não tem mais interesse. Pode-se dizer, talvez, que sejam dois inícios: o do filme e, depois, o do afastamento real dos meninos. Até então, Leo havia se afastado apenas no ambiente escolar, a partir daí o afastamento se estende para a vida íntima dos dois.

A cena seguinte à inicial, quando os dois saem correndo pelo campo florido - talvez uma das mais poéticas do filme - é retomada na cena final, quando Leo corre sozinho, e olha para trás, como quem procura (ou encontra) o amigo que se foi. Tais recursos de roteiro nos provocam a retomar o início do filme, em dois momentos centrais, dando uma sensação de ciclos que começam, se encerram e se relacionam. A vida, os jovens vão descobrindo, se reinventa, se encaixa, desencaixa e volta a encaixar. Como diria Guimarães Rosa, “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

Se partirmos do princípio que o nome do filme, *Close*, remete à proximidade dos meninos, observa-se nas escolhas de câmera como os zooms do início, nos rostos e olhos dos protagonistas, são substituídos por planos abertos, principalmente quando Leo olha para Remi. A partir do momento em que Leo começa a se afastar, a câmera o segue, e Remi vai aparecendo quase sempre em planos mais abertos. Quase como se nós, espectadores, fôssemos obrigados a nos afastar dele também.

Além disso, outras escolhas nos filmes dão sinais de que há transformações em curso: a escolha de Leo pelo trabalho com a família em detrimento das brincadeiras com Remi, bem como sua vontade de socializar, abrir os horizontes, tentar um novo esporte (bastante violento, inclusive), em vez de brincar com o amigo, dentro do quarto, de desenhar e tocar música. A saída do ambiente privado para o público, como um desabrochar da puberdade e da personalidade do menino para o mundo.



Leo (Eden Dambrine), Sophie (Émilie Dequenne) e Remi (Gustav De Waele)

A questão do suicídio

Embora o diretor Lukas Dhont opte por dar sinais sutis do suicídio de Remi, em consonância com a sutileza do filme como um todo, ele constrói o contexto no qual o suicídio se dá. Logo no início vemos a mãe preocupada com o fato do filho trancar a porta do banheiro e, quando os dois vão dormir, Remi diz que sua cabeça não pára. O sofrimento mental do garoto, provavelmente, antecede a entrada na escola nova, e Leo parece ser figura fundamental para serenizá-lo. O afastamento do amigo, portanto, deve ter sido a gota d'água para o menino. Quando Leo vê a porta do banheiro da casa do amigo quebrada, conclui sozinho o que aconteceu ali, não é preciso que ninguém lhe diga.

Podemos até conjecturar se havia desejo sexual/amoroso por parte dele em relação ao amigo, mas o fato é que isso é irrelevante para a trama. Neste caso, a amizade profunda e seu rompimento são suficientes para que entremos em contato com a subjetividade dos personagens.

A partir da morte de Remi, todos os outros personagens se tornam sobreviventes de um suicídio. Para saber melhor acerca do assunto, no último tópico deste material compartilhamos o site do Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção de suicídio. Por que é relevante nomearmos os personagens como sobreviventes? Porque tal condição é determinante para seu luto e, conseqüentemente, sua cura. O filme explora, por meio de silêncios e olhares, muito do que não é dito. Seria preciso que principalmente os pais de Remi e Leo passassem por um processo de acolhimento específico, no qual tivessem espaço para falar e elaborar seus sentimentos de culpa, impotência e revolta.

Nesse sentido, da elaboração, o único movimento mais consistente que se vê é o da escola, que promove rodas de conversa e exercícios emocionais. Porém, em um dos poucos momentos em que Leo demonstra mais explicitamente suas emoções, ele não é estimulado a continuar, e volta a engoli-las. O garoto só se permite chorar quando se machuca fisicamente, quase como se precisasse de um motivo concreto para expressar sua dor.

Um dos pontos altos de emoção do filme, a sequência do diálogo do menino no carro com Sophie, a reação dela, e depois seu abraço no mato, nos revela a importância de viver conjuntamente a dor e sua elaboração. Para quem sobrevive ao suicídio de alguém próximo, é muito importante que se compreenda, com tempo, acolhimento e cuidado, que não há culpas. Neste caso, Leo estava passando por seus processos tanto quanto Remi, e lidando com eles com os instrumentos emocionais dos quais dispunha. Essa compreensão é fundamental para que o menino possa seguir vivendo.

Trata-se de um assunto espinhoso, porém há profissionais qualificados e debruçados na questão para nos ajudar a lidar de forma mais saudável. Recomendamos fortemente a visita ao site do Instituto.

O Centro de Valorização da Vida (CVV) dá apoio emocional e prevenção ao suicídio gratuitamente, com total sigilo, 24h por dia por e-mail, chat no site oficial, ou pelo telefone 188.

Para saber mais

MORO, A. et al. *Avaliação do clima escolar por estudantes e professores: construção e validação de instrumentos de medida*. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 27, n. 64, p. 67-90, jan./abr. 2018. Disponível em:

<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/6151/pdf>

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Coordenadoria Pedagógica. Conhecer para proteger: enfrentando a violência contra bebês, crianças e adolescentes**. São Paulo: SME/COPED, 2020. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/02/Conhecer-para-Protetger-WEB.pdf>

Inquieta Revista de Teatro e Adolescência: <https://www.vqvbrasil.com/inquietarevista>

Site do Instituto Vita Alere de Prevenção e Pósvenção do suicídio: <https://vitaalere.com.br/>

Filmes relacionados

Tomboy, de Céline Sciamma (França, 2011, 1h22min)

Ferrugem, de Aly Muritiba (Brasil, 2018, 1h39min)

Dor e Glória, de Pedro Almodóvar (Espanha, 2019, 1h53min)

Valentina, de Cássio Pereira dos Santos (Brasil, 2020, 1h35min)

Sublime, de Mariano Biasin (Argentina, 2022, 1h40min)

O filho, de Florian Zeller (FR, Reino Unido e EUA, 2022, 2h03min)

Aftersun, de Charlotte Wells (EUA/Reino Unido, 2022, 1h42min)